

# Esclerose múltipla monitorada

Com mais precisão sobre a evolução da condição, será possível prescrever meios de tratar, de forma individualizada



Pesquisadores identificam biomarcadores críticos, que têm o potencial de prever o agravamento da incapacidade de pacientes com diagnóstico da doença. A partir dessa descoberta, a expectativa é aumentar a eficiência do tratamento

» ISABELLA ALMEIDA

## TRÊS PERGUNTAS/ Igor Fonseca

NEUROLOGISTA DA INTERNEURO E NEUROLOGISTA CLÍNICO PELA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SÃO PAULO

### Quais são os principais desafios na adoção de novas abordagens na prática clínica?

Em razão do perfil pleomórfico da doença, torna-se muito difícil categorizar em padrões, de modo objetivo, para que você consiga montar os estudos terapêuticos e de medicações, de forma rápida e individualizada. A doença é rara, por isso, é mais difícil de montar estudos clínicos baseados. Um grande desafio, também, é a disponibilidade das medicações para os estudos e para os pacientes, assim como a falta de disponibilidade dos (testes) biomarcadores e imagens avançadas.

### Como a comunidade médica está

da EM, podem prever tanto a piora associada à recaída (RAW) quanto a progressão independente da atividade de recaída (PIRA).

Os resultados indicaram que níveis mais altos de sNfL estão associados a um risco 45% maior de RAW e a um risco 43% maior de PIRA. Uma grande quantidade dos pacientes com níveis elevados de sNfL não responderam bem aos tratamentos modificadores da doença (DMTs) padrão, mas mostraram boa evolução com o uso de DMTs de alta eficácia, como Natalizumab, Alemtuzumab, Ocrelizumab, Rituximab e Ofatumumab.

“A identificação de sNfL e sGFAP como biomarcadores preditivos nos permite adaptar estratégias de tratamento para pacientes com EM de forma mais eficaz”, frisou, em comunicado, Monreal. “Pacientes com baixos níveis de



### respondendo a essas descobertas?

Sempre é empolgante ter novas ferramentas de diagnósticos. Porém, são

necessários estudos mais robustos e da validação da real eficácia desses métodos, antes da prática clínica.

### Como abordar as inovações com os pacientes?

É necessário discutir com o paciente essas mudanças. Muitos ficam animados e ansiosos por novas tecnologias que podem ajudá-los a ter uma vida normal, garantir sua funcionalidade, ou amenizar os sintomas. Mas a conversa deve ser sempre sincera, para saber se o paciente se inclui no grupo que os estudos contemplam e também a validade e força dessas pesquisas. Nem sempre existe uma evidência robusta para determinar a prática médica.

“Esse estudo é a mais recente contribuição nessa construção de conhecimento. Estamos entendendo cada vez mais como podemos usar a dosagem de neurofilamento na tomada de decisão. No entanto, isso continua em fase de investigação. Outra coisa importante é entendermos que o uso desses marcadores não está amplamente disponível na prática clínica.”

Segundo o autor principal, ao medir os níveis de sNfL e sGFAP no início da doença, a equipe conseguiu informações valiosas sobre os caminhos de progressão da EM, permitindo que os clínicos identifiquem os pacientes ideais para DMTs específicos. “Essa abordagem visa prevenir a incapacidade, evitando riscos desnecessários relacionados ao tratamento para aqueles com menor risco.”

Atualmente, o tratamento da esclerose múltipla é amplamente padronizado, mas as diferenças nas respostas dos pacientes exige uma abordagem mais individualizada. Para os autores, os biomarcadores identificados no estudo podem ser valiosos para os profissionais de saúde que precisam tomar decisões informadas sobre as opções de terapêutica.

Thiago Nascimento, neurologista da Ebserh, em Sergipe, e membro da Academia Brasileira de Neurologia (ABN), frisou que o uso de terapias personalizadas não é apenas uma tendência futura. “Mas uma necessidade imediata para melhorar a qualidade de vida dos pacientes com esclerose múltipla”, disse. Segundo ele, entre os principais desafios estão disponibilidade e acessibilidade das novas tecnologias, como os testes avançados de biomarcadores. “Além disso, a capacitação da equipe médica e a criação de protocolos atualizados baseados em novas descobertas científicas ainda são áreas que precisam ser aprimoradas.”

## ARQUEOLOGIA

# Revelações juvenis da pré-história

» KARIN SANTIN\*

A partir da análise de restos humanos de 13 indivíduos, cientistas apontam que o processo de maturação pode ter sofrido poucas alterações nos últimos 30.650 anos. O estudo publicado no *Journal of Human Evolution* associa crescimento, calcificação e fusão ósseas a seis diferentes estágios da adolescência. Trata-se da primeira pesquisa voltada para essa faixa etária em seres humanos do Paleolítico Superior Europeu (40 mil a 12 mil anos atrás), resultado de uma parceria entre cinco universidades.

A autora correspondente April Nowell, cientista da Universidade de Victoria, no Canadá, ressalta que a análise das ossadas de adolescentes pode ser inferida a partir de marcadores de crescimento específicos. A amostra inclui indivíduos da Rússia, República Tcheca e Itália com idades de 11 a 22 anos — oito masculinos e cinco femininos.

Para avaliar os estágios de desenvolvimento, os pesquisadores se concentraram em alterações nas mãos, pulsos,

cotovelos, pescoços e pélvis de cada um. O momento da puberdade foi inferido a partir do grau de calcificação e ligação do conjunto desses ossos, cada um associado a surtos de crescimento ou da menarca, no caso das meninas.

Claudia Cunha, bioarqueóloga da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e coordenadora do grupo de investigação Bioarqueologia do Nordeste Brasileiro, confirma a raridade da descoberta. “Havia um pico de mortalidade, entre o desmame e a primeira infância, relacionado à desnutrição e doenças. Outro pico na vida adulta, para as mulheres associado ao parto e, para os homens, a atividades como a caça. Mas, na faixa que entendemos como adolescência, o número de mortos era menor”, explica a bioarqueóloga.

A pesquisadora alerta que, pela variedade territorial e pelo pequeno número de ossadas, a amostra não pode ser considerada representativa das populações de *Homo sapiens* regionais ou europeias como um todo. Segundo ela, um número menor de indivíduos do sexo feminino é um empecilho, agravado por danos em ossos de duas delas.

Universidade de Liverpool



Romito2 (E) está entre os 13 indivíduos cujas ossadas foram analisadas: há semelhanças com os adolescentes atuais

## Biológico e social

Cunha confirma que, apesar do intervalo de 30 mil anos, alterações na estrutura corporal entre humanos daquela época e os de hoje são “praticamente irrelevantes”. Ela sublinha, porém, que a puberdade é profundamente impactada por fatores alimentares. “No Paleolítico superior, encontrar alimento era um trabalho diário. Caçadores-coletores tinham acesso mais restrito à comida”, explica.

A estimativa é de que as mulheres não ovulassem com a mesma frequência, devido à massa gorda menor. Cunha diz que

dinâmicas similares foram observadas em pesquisas etnográficas sobre sociedades mais recentes e cita também o exemplo de mulheres que sofrem com distúrbios alimentares, como anorexia. Por isso, assegurar que a menarca ocorria exatamente da mesma forma que em adolescentes hoje não é possível, só a partir dessa primeira pesquisa, previne ela.

Além disso, as pesquisadoras reforçam que o contexto social é essencial para definir a adolescência. “Muitas culturas não têm um estado intermediário, mas podemos entender a fase juvenil como um momento em que as

mudanças perceptíveis no corpo impõem novas responsabilidades a esses indivíduos”, diz Cunha.

Nowell destaca Romito 2 (foto), de 17 anos e meio, provavelmente o primeiro humano com características de nanismo. Ele estaria na fase de estabilização do crescimento, quando os ossos começam a se fundir. O jovem foi enterrado nos braços de uma mulher mais velha que, segundo a autora, poderia ser sua mãe.

Estagiária sob supervisão de Renata Giraldi